

Zé Luis Mazziotti  
canta os sucessos  
de Leny Andrade



PÁGINA 2

Longas brasileiros  
são destaque em  
festivais no Canadá



PÁGINA 3

Duvel envelhece  
sua cerveja em  
barris de cachaça



PÁGINA 8

## 2º CADERNO

# Mais Blitz do que nunca

Trupe liderada por Evandro Mesquita lança primeiro álbum com inéditas desde 2017

**A**caba de chegar às plataformas de música “Supernova”, novo álbum da Blitz. Com 14 faixas, algumas delas já lançadas como singles, trata-se do primeiro álbum de inéditas da Blitz desde “Aventuras II” (2017), e marca a estreia da banda de Evandro Mesquita & Cia na gravadora Biscoito Fino.

“A gente começou a construir o álbum durante a pandemia, quando só rolavam aquelas lives meio frias, sem a troca que a gente gosta de ter com o público. Então, começamos a fazer música: ficávamos Billy e eu no meu estúdio, e depois começamos a compor com outras pessoas, via internet. As canções foram aparecendo, até acharmos que tínhamos um ótimo material para um disco”, conta Evandro.

“Conseguimos reunir músicos do sul, do nordeste, do sudeste...é um disco nacional”, brinca o tecladista e compositor Billy Forghiere, que divide com Evandro a produção e a direção musical de “Supernova”.

O álbum conta com as participações super especiais de Roberto Frejat, parceiro de estrada da Blitz desde o Circo Voador, a rapaziada da ConeCrew Diretoria, João Suplicy, Fagner e a cantora Coral. Um time de músicos da pesada, como Dadi Carvalho, Vinícius Cantuária, Rogê Brasil, Fernando Magalhães, Milton Guedes, Jorginho Gomes, George Israel, Overdrive Duo, Funk Como

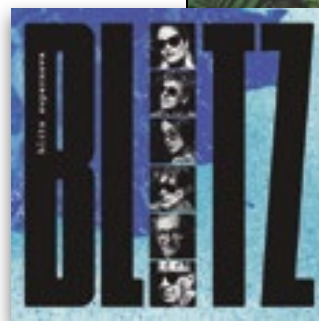
Le Gusta e a Bing Band na Gaveta, entre outros, se somam ao projeto.

“Lado Escuro da Rua” abre o álbum, imprimindo de cara a assinatura da banda. Já “Estive com Stevie” é uma canção que Evandro fez nos primórdios da Blitz, agora revisitada. “O Homem Avental” também é um resgate: “Essa é uma parceria com o saudoso Luiz Carlos Góis, autor teatral e compositor da minha época de teatro”, conta Evandro. “É o nosso momento Ana Maria Braga”, define Billy.

Frejat toca guitarra e co-assina o arranjo de “Agora é a Hora” com Evandro e Billy, e João Suplicy faz guitarra, violão e vocais nas faixas “Sumiu na Fumaça” e “Terror na Vizinhaça”, parcerias do paulistano com o bandleader da Blitz. É de Evandro a canção “Manu”, composta para a filha Manuela Mesquita, que reforça os vocais da gravação ao lado das titulares Andréa Coutinho e Nicole Cyrne, na formação da Blitz.

“Ser tão imenso” nasceu da internet, quando Evandro Mesquita descobriu numa live a cantora Coral, do interior da Bahia. “Achei muito interessante a poesia e a forma como ela interpreta as canções. A Coral propôs gravar uma música da Blitz, mas eu achei mais legal fazermos uma música nova”.

“Somos Todos Índios”, que fez sucesso na voz de Fagner e virou hino da Fundação que



Isabella Moriconi/Divulgação

**Repleto de participações especiais de peso como Frejat, Fagner e João Suplicy, o álbum ‘Supernova’ marca a estreia da Blitz no selo Biscoito Fino**

o cantor fundou no Ceará, volta em nova versão. O próprio Fagner e Vinícius Cantuária, baterista e co-autor da canção, são os convidados na faixa. Com arranjos de Papatinho, Evandro e Billy, “Greg e sua Gang” conta com a participação do guitarrista Ari Mendes e do ConeCrew Diretoria, responsável pelos novos versos da canção.

A divertida “Nano Podcast do Welder” é uma brincadeira de Evandro com o podcast que comediante Welder Rodrigues, com quem contracenava na “Escolinha do Professor Raimundo”: “Era basicamente um jogo

de palavras, e partir das respostas que dei, eu e o Rogê Brasil fomos construindo a canção”.

“Grilado”, “Saquarema” (remix) e “Choveu” completam o repertório de “Supernova”, que chega junto com a “Turnê Sem Fim”, que banda faz pelos palcos do planeta. “Os shows emocionantes e os encontros com o público voltaram com uma força enorme”, festeja Billy.

Há mais de 4 décadas na estrada, a Blitz segue renovando o seu público: “A galera da nossa geração vai aos nossos shows levando os filhos, o que mostra que música boa não tem prazo de validade”, defende Evandro.

## CORREIO CULTURAL

Alice Muniz/Divulgação



A Cozinha das Tradições é uma das atrações

## Fundição Progresso recebe o Congresso de Agroecologia

A Fundição Progresso, na Lapa, recebe até esta quinta-feira (23) o 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia. Esta será a primeira vez que o evento é realizado fora dos muros de uma universidade, ocupando espaços tradicionais da cidade como o Circo Voador, o Passeio Público, a Associação Cristã de Moços (ACM) e o Cine Odeon.

Entre as muitas atrações está a Cozinha das Tradições, que busca a valorização dos saberes das agricultoras e cozinheiras, rurais e urbanas, detentoras de saberes tradicionais de diferentes regiões do estado.

Serão cerca de 20 pratos de quilombos do Rio e cidades como Campos, Natividade, Búzios e Paraty, entre outros.

### Relíquia

Dado como perdido por quase um século, "Amazons, O Maior Rio do Mundo", primeiro filme rodado na região, teve sua reestrela na Cinemateca Brasileira, em São Paulo, para depois seguir para João Pessoa, Rio, Fortaleza e Manaus.

### Parceria

Jackie Chan e Ralph Macchio vão se unir em um novo filme de "Karatê Kid". Chan vai reviver o mestre de kung fu Sr. Han, que treinou Jaden Smith no remake de 2010. E Macchio volta a interpretar Daniel LaRusso, seu papel na trilogia original.

### Caça às bruxas

Susan Sarandon foi mais um nome em Hollywood excluído de trabalhos por declarar apoio à Palestina. A agência United Talente Agency (UTA) dispensou a ganhadora do Oscar após uma série de discursos, o que foi confirmado pelo site Deadline.

### Viola campaniça

O guitarrista Gajo, pseudônimo de João Morais, desembarca de Portugal, para o palco do Manouche nesta quinta (23) para mostrar a nova sonoridade para a viola campaniça, instrumento de cordas também conhecido como viola alentejana.

Zé Luis Mazziotti sobe ao palco do Rival em show que celebra o repertório da amiga Leny Andrade

Uma das boas vozes masculinas da nossa música, Zé Luiz Mazziotti rende justíssima homenagem à eterna Leny Andrade (1943-2023) nesta quinta-feira (23), a partir das 19h30, no palco do Teatro Rival, em show com participações especiais de Lucinha Lins, Jane Duboc, Márcio Lott e Felipe Bedetti.

O cantor paulista terá ao seu lado banda formada pelo baterista Erivelton Silva, que tocou com Leny por mais de 20 anos; e o baixista Zé Luiz Maia, filho de Luizão Maia, que foi baixista da cantora.

Mazziotti e Leny foram amigos por mais de 50 anos e dividiram palcos, estúdios, viagens e projetos. Entre as pérolas do repertório do show "Pra Leny", estão "O sol Nascerá" (Cartola e Elton Medeiros), "Alvorada" (Cartola, Carlos Cachça e Herminio Bello de Carvalho), "Estamos Ai" (Durval Ferreira, Maurício Einhorn e Regina Werneck) e "Batida Diferente" (Durval Ferreira e Maurício Einhorn). E mais: "Cantor da Noite" (Ivan Lins e Vitor

# Um tributo masculino à diva do jazz brasileiro

Divulgação



Amigo de Leny por mais de 50 anos, Zé Luis Mazziotti dividiu o palco várias vezes com a grande cantora

Martins), "Rio" (Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli), "Céu e Mar" (Johnny Alf) e "Wave" (Tom Jobim). Todas lindamente defendidas por Leny em vida.

### SERVIÇO

ZÉ LUIS MAZZIOTTI - PARA

LENY  
Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)  
23/11, às 19h30  
Ingressos: R\$ 120, R\$ 80 (Cartão Giro MetrôRio, agente ou funcionário MAM) e R\$ 60 (meia)

## Silvia Machete recebe Moreno

Divulgação



Silvia Machete e Moreno

Silvia Machete sobe o palco do Teatro Prudential nesta quinta-feira (23) para mostrar as canções de "Rhonda", seu último álbum, no qual apresenta faixas autorais, uma releitura de "No One Else Around", de Tim Maia, além de "Cama", gravada em dueto com Moreno Veloso. O filho de Caetano fará participação especial ao lado da cantora.

Silvia Machete acaba de voltar de apresentações em Paris e Nova York. "Ter voltado às duas

apresentava nas ruas, jamais imaginaria voltar a Paris para cantar no Serpent A Plume e no Hotel Lutetia. É uma grande reviravolta", celebra.

### SERVIÇO

SILVIA MACHETE - RHONDA  
Teatro Prudential (Rua do Russel, 804 - Glória)  
23/11, às 21h  
Ingressos: Plateia A - R\$ 90 e R\$ 45 (meia) | Plateia B - R\$ 39 e R\$ 19,50 (meia)

cidades onde comecei como artista foi incrível! Uma dose altíssima de alegria. Para quem se

Divulgação



Vermelho Monet

# Excelência brasileira em terras canadenses

Longas nacionais de prestígio vão mobilizar o Canadá, a partir de sexta-feira, em festivais em Toronto e Montreal

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**M**obilizando plateias pelo mundo afora com “BlackBerry”, o Canadá vai receber uma fornada de longas-metragens brasileiros num par de maratonas de exibição organizadas sob o crivo da produtora Kátia Adler. A partir desta sexta-feira (24), a sala de projeção TIFF - Bell Lightbox, na região de Downtown, no centro de Toronto, vai exibir 13 filmes nacionais, na grade do 16º Brazil Film Fest, que segue até o dia 26 deste mês. Logo na sequência, de 1º a 7 de dezembro, Kátia realiza em Montreal, no Cinéma du Parc, o 17º Festival du Film Brésilien.

Toronto vai se deliciar com títulos ainda inéditos em nosso circuito como “Vermelho Monet”, de Halder Gomes, e “O Sequestro do Voo 375”, de Marcus Baldini, ao mesmo

Divulgação



O Sequestro do Voo 375

tempo em que vai conferir sucessos que tiveram longa estada em telas do Rio como “Medida Provisória”, de Lázaro Ramos, e “Andança – Os Encontros e as Memórias de Beth Carvalho”, de Pedro Bronz. Já o público de Montreal terá chance de repensar a potência memorialista do cinema com “Retratos Fantasmas”, de Kleber Mendonça Filho, ao mesmo tempo em que vai chacoalhar o cora-

ção no pancadão de “Nosso Sonho: A História de Claudinho e Buchecha”, de Eduardo Albergaria (atual campeão brasileiro de bilheteria do país, visto por meio milhão de pagantes). Há ainda a deixa para a população canadense prestigiar um dos mais aclamados desempenhos de Regina Casé na telona: “Três Verões”, de Sandra Kogut, pelo qual ela recebeu o troféu de Melhor Atriz no Festival do Rio 2019.

Os eventos contam com patrocínio do Consulado Geral do Brasil em Toronto, do Instituto Guimarães Rosa e da transportadora Mellohawk, contando ainda com o apoio do Trade Café, do Conselho Brasileiro de Cidadania de Ontário (Concid) e do Brasil Remittance.

Na entrevista a seguir, Katia – responsável pelo prestigiado Festival de Cinema Brasileiro de Paris - fala sobre o desenho dessas mostras.

**Numa analogia com a sua vasta experiência de produtora cultural na França, como você vê a relação do Canadá com o cinema e de que forma a pátria de mestres como Denys Arcand e David Cronenberg oferece a produtores um veio de investimento e de abertura para projetos do Brasil, como o festival?**

**Katia Adler:** Minha experiência com cinema na França, enquanto brasileira, mostra um cenário muito interessante, principal-

mente nas coproduções. Há mais de 20 anos que atuo aqui, com produção e festivais, em diversas parcerias que promovem essa transversalidade das culturas e estimulam trocas e possibilidades de parcerias. Chegamos a ter parcerias que também levavam filmes do Canadá para o Brasil, mas infelizmente, no governo anterior, esses projetos ficaram difíceis de continuar. Estamos otimistas de voltar com essas coproduções e parcerias agora.

**De que maneira a troca que você vem promovendo entre filmes brasileiros e territórios francófonos amplia as relações de nossa cultura audiovisual com os povos da Europa e da América do Norte? Há sinais evidentes do quanto essa aproximação, via cinema, estreita os interesses deles por nós?**

Essa troca acontece em todos os campos, desde o simbólico. Mostramos nossa diversidade artística e cultural, com as singularidades e potências brasileiras, e conseguimos estabelecer, através do cinema, alianças importantes para que o Brasil seja conhecido sob novos olhares, novas perspectivas. Isso cria um laço entre os países que fortalece a fruição, a criatividade, as inteligências, o conhecimento e aumenta a capacidade de interação dos povos. No Canadá, por exemplo, quase metade da população é estrangeira, então temos um público muito variado. Há um interesse particular aqui, em relação aos povos originários. O Canadá desenvolve políticas de proteção muito estruturadas em relação às populações tradicionais, e isso cria um vínculo com o Brasil, por que também temos essa necessidade com os povos indígenas.

**Como foi feita a seleção de longas para o evento canadense e de que forma o Canadá reage à chegada da cultura brasileira às suas telas?**

A gente traz um leque do que está sendo feito no cinema brasileiro. Tem um pouco de comédia, drama, documentário, entre outros. A curadoria tem o objetivo de trazer essa diversidade, de mostrar um Brasil em todas as suas diferenças e belezas. E o cinema tem esse poder, de representatividade do povo, das suas culturas. O festival tem um papel fundamental tanto em Toronto, quanto em Montreal. Nos dois lugares, o público tinha pouco acesso às produções brasileiras e o festival cumpre esse intuito de levar nossa produção para mais lugares. As pessoas hoje já vêm ao TIFF buscando filmes brasileiros, e isso é resultado de anos de trabalho aqui. Isso também aquece o mercado cinematográfico, abrindo portas para os filmes. O festival é uma vitrine para o cinema brasileiro.

ARTIGO

# Oração para a amizade, essa santa protetora

Por Julio Ludemir\*

**V**i “Nosso Sonho” tardiamente, quando já era o maior sucesso de bilheteria de 2023 do cinema nacional. Vi diversos filmes em um. Não saberia hierarquizar a importância desses diversos filmes, que contam diversas histórias a partir da narrativa de uma dupla seminal para o funk. A dupla que ajudou a configurar a mais importante expressão cultural e artística do Rio de Janeiro, mais uma vez criada pelo povo preto. Cada um desses filmes - e principalmente a soma de todos eles - explica cada ingresso comprado nos cinemas, principalmente aqueles que ainda resistem nos shoppings dos subúrbios cariocas.

Quando soube que o diretor do filme era ele próprio de Niterói, cidade vizinha à São Gonçalo do longa-metragem, eu o invejei. Mas o fiz no melhor sentido da palavra, porque sempre quis narrar uma história da Olinda, a cidade em que me constituí como ser humano e como ator cultural. “Nosso Sonho” não poderia ter sido dirigido por alguém que não fosse da região. São Gonçalo é talvez a mais intrigante das cidades do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo tão longe e tão perto, ao mesmo tempo tão grande e tão pequena. “Nosso Sonho” é o filme que o cinema brasileiro devia a essa cidade.

É também um filme sobre a história de uma amizade - mas de uma amizade que me parece possível apenas na periferia do Rio de Janeiro, onde os laços de amizade, sobre aquilo que vivemos na rua imediatamente em torno de nós, são mais importantes do que os laços de família. Um exemplo do quão os laços de amizade são mais importantes está na lógica do próprio tráfico de drogas, inteligentemente evitado no filme, ainda que a ascensão do tráfico de drogas e a do baile funk tenha ocorrido na mesma quadra da história, na curva dos anos 1980 para os anos 1990. No tráfico de droga, as relações de confiança são baseadas em amizades, não em consanguinidade, como acontece nas outras máfias, inclusive a do jogo do bicho.

A própria história das famílias (e esse é também um filme sobre as famílias periféricas) nos mostra o quanto a amizade de Claudinho e Buchecha foi importante para que ambos sobrevivessem às consequências de um estado que historicamente usa todas as suas instituições para destruir a família de nossas favelas e subúrbios. Foi na amizade que Claudinho e Buchecha encontraram força e lucidez para suportar a ausência (no caso de Claudinho) e a violência do pai (no caso de Buchecha).



‘Nosso Sonho’ traz Juan Paiva e Lucas Penteadó como Buchecha e Claudinho

Nesse sentido, temos uma sequência apoteoticamente emocionante, quando Buchecha entrega o CD que Claudinho pedira para que desse para sua filha, Vanessa, no aniversário dos 15 anos dela.

Essa amizade também está presente em outras duplas que ajudaram a consolidar o funk como a expressão das periferias cariocas no início da década de 1990. Não à toa temos como um dos pontos de virada do filme a apresentação de Cidinha e Doca cantando o “Rap da Felicidade”. O funk transborda da favela para a mídia e daí para a cidade a partir de sucessos cantados em um dos momentos mais importantes e esperados naqueles bailes que movimentavam mais de 2 milhões de pessoas a cada fim de semana, como Júnior e Leonardo, William e Duda do Borel, Markinhos e Dollores. O próprio momento que antecede a primeira apresentação de Claudinho e Buchecha mostra o quão os laços de amizade foram importantes para que cada um daqueles moleques imberbes arrumasse força para subir nos palcos montados em todas

as favelas do rio de janeiro, num momento tão decisivo para que possamos entender aquilo que Zuenir Ventura chamaria de “Cidade Partida”.

Esse é também um filme sobre uma cultura da alegria, que talvez seja o mais importante ativo do Rio de Janeiro, uma cidade que apesar de tudo continua apostando na possibilidade do encontro não apenas como fonte de celebração, mas de reenergização para enfrentar os tiros de metralhadora que a juventude periférica ouve quando recorre uma oração para uma santa protetora. Essa força motriz que tem sido a alegria é o que permite que esses jovens massacrados pelo estado continuem sonhando - sim, esse é também (e acima de tudo) um filme sobre o direito ao sonho. Um povo que acredita no sonho não apenas fica bonito quando sobe ao palco, como dito em um dos momentos de pérola do roteiro. Esse sonho cria novas culturas e, ao criar novas culturas, esse povo muda um país.

\*Escritor, autor de “No Coração do Comando”, e diretor da Festa Literária das Periferias (Flup)

Angelica Goudinho/Divulgação

Divulgação



Fame

# O futuro do teatro está nos musicais

Seja na adaptação de espetáculos da Broadway ou nas biografias de grandes artistas nacionais, gênero conquista de vez o público brasileiro

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**E**ra uma vez, um menino de 11 anos que sonhava em ser ator (hoje é diretor e roteirista) e queria porque queria frequentar uma famosa escola de formação de atores. Depois de a mãe e a avó ficarem numa fila tipo Taylor Swift, lá foi ele para as aulas. Com três delas, desistiu alegando que não tinha peça de fim de ano, o que chamamos hoje de prática de montagem

Houve também uma época em que as crianças queriam ser trapezistas, bombeiros, astronauta. Hoje, muitos, falam que querem atuar em musicais. Cantar, dançar e interpretar - competências que exigem formação bastante específica.

O sucesso de musicais - com uma ocupação em torno de mais



Divulgação

de 90% - contribui em muito para isso. No ano de 2023, foram 40 novas montagens, cobrindo os tipos que são sucesso no Brasil: tradução da Broadway; temas nacionais; e biografias de artistas brasileiros que, no caso, substituem shows e concertos, pois o público se entusiasma pelas canções.

Sobre essa tríade, Leila Moreno da Sarau, observa que a

maior disparidade está nas possibilidades de captação. "Para as empresas, muitas vezes é mais atrativo um título da Broadway, já conhecido e muitas vezes até esperado pelo grande público. Mas o musical brasileiro tem encontrado seu espaço. O público ama, se vê ali representado em histórias e situações. É a nossa cultura e identidade", comenta.

"A Sarau já trouxe grandes ícones como 'Suassuna' e 'Jackson'. Há 30 anos valoriza a cultura nacional em seus projetos. O teatro musical brasileiro hoje tem enorme qualidade técnica e artística. E um público frequente", continua a produtora.

Ao mesmo tempo, em outra ponta crescem as escolas de formação específica para os musicais,

com ênfase nas práticas de montagem. São dessas práticas de montagem que emergem os atores para as chamadas audições, seleções para notadamente para os musicais, nas quais a participação desses jovens é fundamental.

A Incena desenvolve um trabalho que nos trouxe no mês de novembro dois clássicos - "Fame" e "O Auto da Compadecida".

Segundo Cario Godard, diretor, "Fame" é diferente de tudo o que já foi visto, pois fez questão de assistir todas as outras para ter certeza de que não estava fazendo nenhuma delas. "Essa montagem é única por vários motivos. Não só pela música, o cenário ou o figurino, mas, principalmente, pela forma de contar. Algumas cenas são bem dramáticas, como no original, mas outras são para cima, divertidas, algo que não é observado em outras montagens", compara.

"O Auto da Compadecida", com direção de Cláudia Ventura e Alexandre Dantas, ganhou contemporaneidade e será apresentado de uma forma que o público não está acostumado a ver. Os personagens não tem sotaque, o cenário não tem adereços nordestinos e as músicas não seguem o compasso dos cancioneiros populares. Tudo foi adaptado para não ser óbvio.

"Acho que o grande diferencial nesta montagem é trazer as origens do circo-teatro, onde o elenco é uma trupe, um grupo de contadores, que chega ali para se divertir e contar essa história, sem cair no óbvio. Quisemos trazer uma encenação diferente que toque e fique nas pessoas", destaca Cláudia Ventura.

## SERVIÇO

**Teatro Clara Nunes** - Shopping da Gávea (R. Marquês de São Vicente, 52)  
**FAME:** até 25/11, sábado (20h) e domingo (19h) - Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)  
**O AUTO DA COMPADECIDA:** até 24/11, quinta e sexta (20h) - Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

## CRÍTICA / TEATRO / A ERA MEDEIA

Renato Mangolin/Divulgação

# A vingança é gelada

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**A**corda-se cedo, liga-se a TV e duas coisas chamam a atenção: as mudanças climáticas e os inúmeros casos de agressão à mulher. De todos tipos: horror psicológico, ameaças, maus-tratos físicos, estupro. Um correr de horrores que a vontade é de cobrir o rosto com travesseira e pedir “Meteoro, me leve”. Agora existe aquele silencioso, a troca por uma mulher mais nova, chupar a laranja e largar o bagaço.

Eurípidés pega uma história que já era antiga mesmo quando a escreveu em 430 a.C. - um marido que abandona a esposa por uma

mulher mais jovem - e examina os terríveis extremos a que uma mulher desprezada pode chegar por vingança, aquela que havia desistido de sua carreira promissora como princesa para se casar com ele.

“Era Medeia”, que volta ao cartaz, sob supervisão de Cesar Augusto, o experiente e criativo diretor, com uma visão sempre contemporânea, texto e direção de Eduardo Hoffmann e argumento de Marina Monteiro, trata desse cela de prisão que é a vida de um casal em conflito. A peça se passa durante os ensaios de uma adaptação da tragédia “Medeia”.

Eduardo (Pedro Lobo) contracenava com Isabelle Nassar (Veronica Albuquerque), ex-marido e diretor que se impõe à Veronica. Pedro



Isabelle Nassar e Eduardo Hoffman encarnam uma relação abusiva em ‘A Era Medeia’

carrega a posição falocrática dupla: o “chefe”, o que dirige, que conduz o caminho e o marido (maritus), que é o masculino. Pedro vai além do abusivo, porque ao mesmo tempo que discute é a competência artística de cada um. Tal qual Jasão que desmerece a mulher, o diretor desmerece a atriz. E Veronica luta, se debate.

O claro escuro/sombrio da iluminação nos faz refletir que o título pode ter dupla significação: era (tempo) e ser no passado. Seja do jeito que for Veronica não se deixar abater, luta, se impõe. A vingança aqui está na morte que ela impõe ao diretor que quer exercer o poder a qualquer custo. Mesmo que seja a humilhação da mulher.

## SERVIÇO

### ERA MEDEIA

Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco 241 - Cinelândia)  
Até 29/11, terça e quarta (19h)  
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

## CRÍTICA / TEATRO / AS ARTIMANHAS DE MOLIÈRE

# O bom malandro

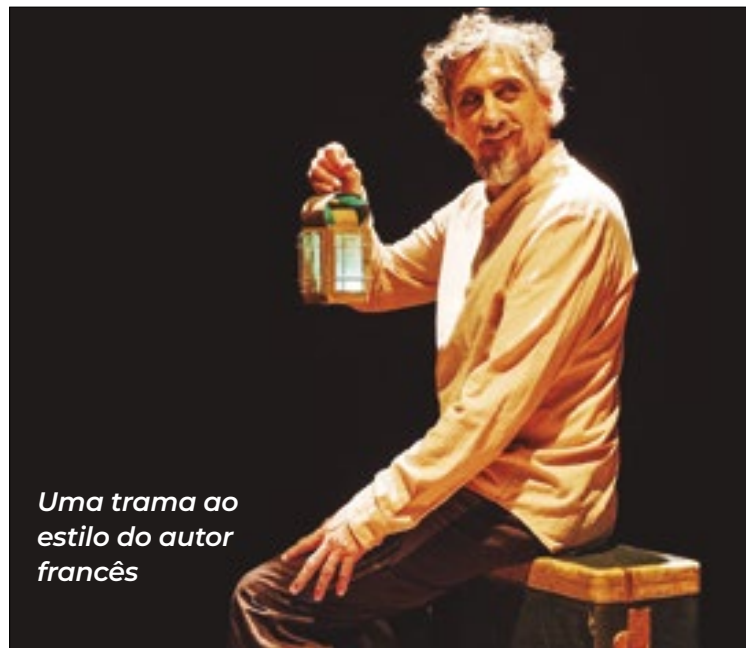
Existe um humor mordaz, que toca no ponto certo como um ferrinho de dentista. Aquele que não deixa pedra sobre pedra. Existem os personagens mágicos que, desde a commedia dell'arte, são encarnados no criado, no duplo, naquele que parece ingênuo, mas não o é. Muito pelo contrário. Essa é a base de construção dos personagens de Molière.

“As artimanhas de Molière” traz uma trama que, bem ao estilo do autor francês, aponta o dedo e desmascara os falsos sábios, a avareza dos burgueses, as mentiras dos médicos ignorantes e outros

comportamentos sociais nada lições.

Com direção de Márcio Trigo, adaptação de Fernanda Celleguin e interpretação de Luiz Machado, o monólogo reúne em uma só história quatro protagonistas de comédias escritas por Molière: Alceste, de “O Misanthropo”, Esganarello, de “O Médico à Força”, Don Juan e Tartufo, das peças homônimas.

O primeiro mérito é o monólogo feito de recortes que transforma a colcha de retalhos em um manto real. As tramas se transformam em uma só com



Uma trama ao estilo do autor francês

um fio condutor que está apoiado na atuação de Luiz Machado. Transformando-se, indo à frente, mudando o corpo e a voz para criar, sem qualquer outra presença em cena, diálogos como se ou-

tros personagens ali estivessem. Esse dinamismo faz com que o texto flua e se perceba, com clareza, as intenções de Molière.

Em um cenário em que a mesa de trabalho, as folhas manuscritas

formando um imenso varal, a pequena luz, que Luiz/personagem de Molière, acende e anda pela pequena arena, como se aquele pequeno facho seja capaz de iluminar o que se passa.

A direção faz com que Luiz, de porte maior, se mova com multíssimas agilidade, sem que se perca uma sílaba dos textos de Molière. O figurino, com uma forte aproximação de época, não impede que vejamos o mais importante: um grande ator apresentando um grande texto, não há época. Só há presente. (C. C.)

## SERVIÇO

### AS ARTIMANHAS DE MOLIÈRE

Casa de Cultura Laura Alvim (Av Vieira Souto, 176 - Ipanema)  
Até 3/12, às sextas e sábados (19h) e domingo (18h)  
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

# 'Medo me interessa mais que o terror'

Escritora equatoriana  
Mónica Ojeda  
leva suas bruxas à Flip

Por Ana Virgínia Baloussier  
(Folhapress)

**M**ónica Ojeda, autora de frases como “não me lembro de um único dia em que não abri meu corpo para ver o sangue jorrando como água fresca”, não lê muita coisa do gênero do horror. Nem acha que precisa para escrever livros como “Mandíbula”, que começa com uma aluna sequestrada pela professora de literatura de um colégio de elite, ou “Voladoras”, volume de contos que lança na 21ª Flip.

“Encontrei o horror sobretudo no cotidiano: em parques, casas, jardins, cidades, desejos e dores das pessoas”, justifica a escritora equatoriana na proa da nova literatura latino-americana, com um rótulo ímpar para sua prosa: gótica andina.

Sua nova obra carrega no título uma antiga lenda local sobre as “voladoras” (voadoras, em português). São, basicamente, mulheres que à noite podem se empoderar no mais literal dos sentidos: ganham o dom de sair voando “de braços abertos e as axilas jorrando mel”, deixando um rastro de lágrimas e cheiro de vulva e sândalo.

As histórias que planam por seus textos vêm tanto de fábulas míticas quanto de casos reais que ensanguentam o noticiário. “Escrevi ‘Cabeça Voadora’ enquanto pesquisava sobre as ‘umas’ andinas, bruxas capazes de separar a cabeça do corpo, e lia ao mesmo tempo uma reportagem sobre uma menina que havia sido deca-



El Cuaderno/Divulgação

*A escritora equatoriana Mónica Ojeda é considerada uma das melhores escritoras latino-americanas de ficção da atualidade*

pitada no Equador”, conta.

A narradora deste conto diz que a ela basta fechar os olhos para ver o membro decepado “voar para dentro do quintal e dar dois rebotes no chão”. Alegorias sobre perder a cabeça e entrar em contato com um estado mais primitivo passeiam por uma obra indissociável de temas comuns a mulheres de todo o continente. Violência doméstica, aborto, abuso infantil, sexo - está tudo lá.

## Chagas sociais

Várias passagens de “Voladoras” esbugalham essa realidade opressora. Não tem como desinfetar essas chagas sociais com a luminosidade de uma literatura mansa. “Escrever é dançar no escuro e, nesse sentido, tendo a dirigir-me para a sombra, para a noite”, diz Ojeda. “Parece-me que a revelação só pode existir no meio das trevas. Desejo e amor ocorrem na escuridão.”

Se nos sentimos tragados pelo que nos apavora, como quem não consegue desviar o olhar de um

acidente na estrada, os motivos lhe soam óbvios. Todos nós tememos, sem exceção.

“O medo é uma emoção central nas nossas vidas”, ela afirma. “Tememos porque somos frágeis, porque amamos e porque vamos morrer. O medo na vida real é paralisante, mas um livro ou filme de terror permite que nos distancemos um pouco daquilo que nos aterroriza e pensar sobre isso a partir de uma perspectiva privilegiada.”

Sua dose de privilégio veio com uma mudança para a espanhola Madrid, tem coisa de cinco anos. Ojeda rememora sua infância e juventude como abastada, por nunca lhe faltar comida, educação e família. Mas adolescer também foi uma experiência de privação, por sentir medo o tempo todo.

Sua cidade natal, Guayaquil, a segunda maior do país, é retratada numa matéria recente da Associated Press como “epicentro da violência” equatoriana. A reportagem parte do relato de uma universitária que,

perseguida por um motociclista, escapou do oitavo assalto em três anos, numa área superpovoada por matadores profissionais, sequestradores, ladrões e cartéis de drogas.

“Todos nós crescemos com histórias de terror ao nosso redor, algumas fantasiosas e outras reais. No meu caso, tive os dois. Guayaquil está cheia de relatos assim. É uma cidade violenta e imaginativa, e também meu monstro pessoal. Por isso tive que sair de lá.”

Das muitas narrativas que assombraram seus primeiros anos está a da “llorona”. Essa chorona, reza uma lenda ancestral da cultura hispanoamericana, é o fantasma de uma mulher que afogou os filhos e se arrependeu. Seu pranto noturno assolaria povoados até hoje.

Data do século 16 o primeiro registro textual dessa história que apavorava a menina Mónica nos anos 1990. Um frade franciscano reproduziu no papel o que a tradição oral foi passando ao longo dos anos: uma senhora de trajes palacianos que

à noite “gritava e berrava no ar”.

Ojeda se declara atea, mas é como diz aquele dito popular: “não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem”. Seu fascínio por seres sobrenaturais que habitam o imaginário popular, e também pelos de carne e osso que praticam bestialidades, a aproxima “num nível poético” do universo religioso, diz.

“Encantam-me os textos sagrados. De certa forma, a religião é uma maneira de dar linguagem às nossas esperanças e aos terrores pessoais, de superar o medo.”

## Exotismo e rótulos

O domínio literário garantiu projeção internacional à autora. Ela sabe, contudo, que o reconhecimento traz na garupa um velho hábito dos países que gostam de se chamar de primeiro mundo -classificar de exótica a literatura que bebe em outras referências culturais.

“O exotismo existe porque não há uma visão aprofundada, mas simplista em torno do que escrevemos, mais em busca de entretenimento do que de pensamento. O bom é que o que se escreve na América Latina supera essas limitações da perspectiva europeia.”

Não a aborrece o selo que tanto se impinge à sua escrita, o tal “gótico andino”. Não é o mesmo que dizer que se submeta à rotulagem. “Sei que meus livros até agora trataram do medo e da violência, mas não sei sobre o que tratarão meus próximos, e gosto que seja assim.”

Até porque o terror nem sempre se introduz com esse nome tão explícito. Dos escritores brasileiros que mais aprecia, Mónica Ojeda cita Rubem Fonseca (1925-2020) e Clarice Lispector (1920-1977), ambos pródigios em construir atmosferas petrificantes para seus protagonistas e coadjuvantes.

“Há um horror que seus personagens por vezes vivenciam no nível psicológico. Penso na narradora de ‘A Paixão Segundo G.H.’ [de Lispector] e no terror, que também é atração, que uma barata produz nela. Honestamente, estou mais interessada na emoção do medo do que no gênero em si. O medo ultrapassa o gênero: você pode encontrá-lo em quase toda a literatura.”

# O diabo também bebe cachaça

A tradicionalíssima Duvel, da Bélgica, lança versão sazonal de sua cerveja com maturação de oito meses em barris de aguardente brasileira

Por Affonso Nunes\*

**D**estilado número 1 do Brasil, a cachaça é celebrada por uma das mais importantes cervejas da escola belga. A tradicionalíssima Duvel acaba de lançar uma edição especial e limitada de uma cerveja com envelhecimento em barris de cachaça. A iniciativa faz parte do projeto Duvel Barrel Aged que anualmente seleciona barris de destilados de diferentes locais do mundo para a maturação de sua cerveja.

Desde 2017, os mestres cervejeiros e destiladores têm feito esforços para preparar esta versão especial de Duvel. Em vez de uma refermentação na garrafa, a icônica Duvel (cerveja do estilo Belgian Golden Strong Ale, de alta fermentação) é então maturada em barricas de madeira, onde uma vez foram amadurecidos outras bebidas. O projeto já lançou versões com whisky irlandês, rum caribenh e bourbon estadunidense.

A cerveja especial recebeu o nome de Duvel Barrel Aged Brasil Rhum Edition. Em certas partes do mundo a cachaça é conhecida como brazilian rhum em função da similaridade com o rum caribenho, outro destilado feito a partir da cana-de-açúcar.

O projeto só foi possível com a aquisição pela Duvel de 446 barris de cachaça brasileira oriundos de Minas Gerais.

## Resultado mágico

Após oito meses de intensa maturação nas cantinas da Duvel, em Puurs-Sint-Amands, na província



*A Duvel Barrel Aged Brasil Rhum Edition é uma cerveja no estilo Strong Golden Ale com ataque frutado e notas aromáticas de carvalho, nozes secas e baunilha*

da Antuérpia, a cerveja chegou a um resultado descrito como “mágico” numa fusão única e natural de ambos os perfis de sabores.

“Os barris de cachaça enriquecem nossa Duvel com um ataque bem frutado, que termina festivamente com notas de carvalho, nozes secas e baunilha. Em Duvel Barrel Aged, The Brasil Rhum Edition você descobrirá tanto a delicadeza da nossa confiável Duvel quanto o caráter picante da cachaça.” descreve o mestre destilador da Duvel, Cédric Heymans, nas notas de de-

gustação.

“O sabor e o retrogosto da cerveja ficaram mais redondos graças ao álcool original da cachaça que ainda estava presente encharcado nas barricas de carvalho”, prossegue Heymans, antecipando a explicação para o aumento do teor alcoólico da cerveja que chegou a potentes 11%.

A harmonização recomendada pela Duvel para sua Brasil Rhum Edition se dá com queijos, frutas exóticas e chocolate.

A embalagem especial de 750

ml está sendo comercializada a 65 euros (aproximadamente R\$ 2,7 mil) - com garrafa numerada - e acompanha a experiência de celebração da brasilidade da cachaça com motivos visuais que remetem a festividades brasileiras nas três principais cores de nossa bandeira.

A Duvel Barrel Aged series faz parte de uma ousada estratégia de manutenção da relevância da cervejaria Duvel Moortgart, que completou 150 anos em 2021, através de um portfólio que se comunique com as dinâmicas do mercado de

cervejas especiais da atualidade.

Além de um portfólio sazonal próprio, a Duvel também estende essa atuação através de microcervejarias adquiridas nos últimos anos na Europa e nos Estados Unidos.

“A seleção da origem dos barris para a série Barrel Aged acompanha bebidas com tradição e histórias que podem ser exploradas numa visão de marketing para além apenas do sensorial”, destaca Heymans.

A associação de cervejas de qualidade a bebidas destiladas e até mesmo ao vinho é uma tendência do mercado e diversos experimentos podem ser provados tanto no exterior quanto no Brasil.

Outra cervejaria tradicional europeia, a holandesa La Trappe (de origem trapista, cervejas produzidas em mosteiros) já havia explorado o processo de maturação em barris de cachaça para a produção de uma cerveja sazonal em 2014.

## A história da Duvel

A trajetória da cervejaria Duvel remonta ao século 19, mais precisamente ao dia 12 de setembro de 1871. Jan-Léonard Moortgat e sua esposa fundaram, nessa data, uma pequena cervejaria artesanal, chamada de Moortgat Brewery Farm, no pequeno vilarejo de Breendonk, na cidade de Puurs-Sint-Amands.

Em 1918, para comemorar o fim dos conflitos da Primeira Guerra Mundial, a cervejaria começou a produzir uma cerveja batizada de Victory Ale. Essa cerveja possuía um teor alcoólico de 8,5%, o que não era normal para aquela época. Só a título de comparação, a maior parte das cervejas aqui no Brasil não ultrapassam os 5% de ABV (álcool por volume).

Apesar da cerveja Duvel ser a principal marca da cervejaria, o nome Duvel só apareceu no ano de 1923. É oriundo da palavra diabo em flamenco (duivel). Isso porque, segundo a lenda, um dos operários da cervejaria, ao experimentar uma versão de teste da bebida, a chamou de “diabo de cerveja”. O novo nome agradou e passou a ser usado desde então. Hoje em dia, a cerveja é um dos maiores símbolos da Bélgica.

\*Jornalista e sommelier de cervejas